

A História e a Arte

POMPEU P. DE S. BRASIL

1

Sobre história se chegou atualmente, em filosofia racional, a uma definição mais do que satisfatória, integralmente precisa.

Entretanto, a esse respeito, ainda predomina um conceito errôneo.

A. Rey, professor da Universidade de Paris, colaborador de Dumas, no «Nouveau Traité de Psychologie», em suas «Leçons de Philosophie» (v. II, 185), ensina: «As *ciências* históricas limitam-se a reconstituir duma maneira exata os fatos da vida social.. A sociologia (que compreende as *ciências* históricas e sociais, não fazendo as primeiras senão estabelecer sua natureza)...» (O grifo é nosso.)

Langlois e Seignobos, em seu livro, já clássico, «Introduction aux Études Historiques», indefectivamente citado por todos os que se ocupam dessa matéria, compartilham o mesmo juízo. Para eles, a história, afora a exposição dos fatos, abrange essencialmente as relações dos mesmos.

Ora, tal definição constitui um verdadeiro regresso no desenvolvimento do conceito em aprêço.

Verifiquemo-lo, recordando as fases sucessivas dessa evolução, embora muito sumariamente.

História, para Sócrates, é o conhecimento (Platão—*Phedon*, 96 A).

Um feixe de documentos, sem a sua explicação, segundo Aristóteles.

Uma noção singela, entre os escolásticos Isso, aliás como quasi toda a sabedoria medieval, não passa duma reprodução da do filósofo grego.

História, conforme Bacon («De Dignitate», l. II, c. I), é o conhecimento do individual, obtido principalmente pela memória; em contraste, duma parte, com a poesia, também conhecimento do individual, porém fictício, conseguido pela imaginação; doutra parte, com a filosofia, conhecimento do geral, pela razão.

O conhecimento do individual, sim, mas—acrescenta-lhe D'Alembert («Discours Préliminaire», § 41 e 70)—sobretudo no tempo.

Baseado nessa noção, Cournot («Essais sur le Fondement de nos Connaissances», c. XX), em sua classificação de todos os conhecimentos, considera-a uma das três séries dos mesmos: a cosmológica e histórica, que abraça a astronomia, geografia, geologia, mineralogia, botânica, zoologia, arqueologia, história civil, a religiosa, a literária, etc.

Recentemente, B. Croce («Estética», 71), esclarecendo a doutrina emitida por seu conterrâneo Vico, firma definitivamente a definição desse conhecimento: «A história não investiga leis nem forja conceptos, nem induz, nem deduz; dirige-se *ad narrandum*, *non ad demonstrandum*; não constrói universais e abstrações, posto que ponha intuições.»

Deixámos de aludir propositadamente aos conceitos finalistas ou normativos, desde Heródoto e Bossuet («Discours sur l'Histoire Universelle»), por julgá-los não subsidiários da verdade.

II

Quanto à arte, foi o espírito humano menos feliz na determinação de sua natureza.

Lalo, senão o mais perspicaz, ao menos o mais conhecido dos estetas franceses, em sua «Introduction à l'Esthétique», adota ainda sobre arte o conceito cartesiano: uma harmonia (a unidade na variedade).

Freud, o inventor da psicanálise, dilatando a interpretação do sonho à da fantasia estética, julga a arte a satisfação fictícia dos instintos recalçados em estado de vigília, isto é, uma sublimação.

Croce presume-a uma intuição, isto é, a imagem externa com a de sua expressão.

Em vez duma reprodução, tal como se encontra facilmente nos históricos das hipóteses estéticas, façamos aqui algumas observações sobre as mesmas.

Já se notou que tôdas essas concepções podem ser dispostas em dois grupos: o das que dão a arte como produto da imaginação e o das que a atribuem efeito do raciocínio.

Realmente, a unanimidade dos estetas filiam-se a essas duas correntes, quando atendemos apenas ao elemento preponderante de seus juízos.

Criaram-nas Aristóteles e Platão (ou Sócrates).

À primeira se prendem Castelvetro, Du Bos, Vico, Platner, Kant, Schleirmacher, F. de Sanctis, Ruskin, Darwin, R. Vischer, Veron, Guyau, Hanslick, Croce, Freud, etc.

À segunda, Aristófanos, Estrabão, Plotino, Filetrato, Lucrécio, Dante, Tasso, Campanella, Bacon, Leibniz, Spaletti, Baumgarten, Meier, Herder, Schiller, Hegel, Taine, etc.

Em verdade, a maioria esposa mais um conceito mixto de que extremado.

A hipótese instrutiva, que teve sua origem em pensadores gregos, somente adquiriu a feição de doutrina bem delimitada em Baumgarten e seus discípulos, a partir de 1735.

Mas que nos deixou de válido através de tôdas suas reedições?

Em suma, define a arte como um raciocínio, porém sem especificá-lo. Esse é aí ordinariamente uma dedução, às vezes o simulacro duma indução, outras vezes algo de mais indistinto.

Meier, ao reexplinar a doutrina de seu mestre, de Baumgarten, na terceira secção da primeira parte de sua obra — «Espécies Diversas de Pensamentos Belos» —, apenas se refere a conceptos, juízos e silogismos estéticos.

Spaletti, que lançou em estética o conceito do característico, impugnando a doutrina da beleza ideal,

advogada, então, entre outros, por Mengs, diz que a beleza faz a alma «fabricar uma inumerável série de silogismos».

Para Taine, a arte tem por fim manifestar um caráter notável, que, em essência, não passa dum atributo realçado sobretudo às custas dum apagamento dos mais.

Eis aí tudo o que de melhor nos legou a hipótese.

Ora, só com isso, como se depreende facilmente, não se podia impor ao espírito contemporâneo. Atrofiou-se de mais a mais, cedendo o campo à hipótese rival.

Lalo ainda se prende àquela, mas abandona Baumgarten, para lembrar apenas a fórmula cartesiana.

A maioria, senão a totalidade, dos estetas ou críticos hodiernos preferem convictamente a hipótese oposta. Apenas, uns destacam mais o papel da imagem, como Croce, outros o da afecção, como Freud.

Segundo êsses, pois, a arte é o individual fictício, e a história o real.

Como se vê, para os mesmos, os dois conhecimentos pouco divergem ou mesmo se identificam. A imagem, sabemos-lo, não deixa de ter realidade, embora secundária. A arte e a história distinguem-se-iam entre si apenas quantitativamente.

III

De nossa parte, estudando o fato estético, chegámos a conclusão diversa.

Vimos primeiro que, em sua materialidade, consiste na expressão duma imagem geral ou dum conceito, tomado o termo na acepção de Warren, isto é, como a imagem geral dobrada da verbal.

Isso nos parece indiscutível. A percepção de cousas semelhantes tende a deixar espontaneamente imagens mnemónicas e, ao fim, uma geral, em virtude duma condensação progressiva. A imagem inventada sempre equivale a uma juxtaposição de gerais.

Ora, a imagem geral começa sempre apenas por uma superposição de mnemônicas, cujas partes diferentes se esvaem em proveito das semelhantes, mas, logo em seguida, compreende a consciência duma relação, tornando-se, portanto, verdadeiro juízo sintético.

As artes plásticas, ou inferiores, exclusivamente espaciais, cingem-se a isso. Entretanto, podem ir mais longe. Nas Panateneias, de Fídias, por exemplo, a serenidade fisionômica dos personagens, sinal de reflexão, pode significar que todo o rito, ou ato religioso, constitui efeito da curiosidade. Assim se representaria uma sucessão temporal e se obteria uma legítima analogia.

As artes verbais, ou superiores, a literatura e a música, essencialmente temporais, figuram a imagem geral, mas expandida igualmente no espaço interior e no tempo. Sendo a causa apenas o elemento da imagem geral que precede aos restantes, exprimem mais facilmente a analogia ou uma indução superior.

Eis aí porque, a nosso ver, a arte é, não o individual, fictício ou real, mas o geral, ou o exposto duma relação. Constitue um raciocínio, pois, implícito ou vagamente explícito.

Essa atividade mental, início da reflexão, empregamo-la não raro na vida social ordinária. Vemo-la ainda mais frequente na creança e no selvagem. E encontramos-na sem mistura nos animais superiores, sob a forma de atos.

Quando um ruminante, em lugar até então desconhecido, encaminha-se para um bebedouro, manifesta a inclusão duma percepção a uma imagem geral do meio exterior e também a consciência de que seu ato será coroado com a satisfação duma necessidade.

Após essas duas elucidações, isto é, haver firmado definitivamente que toda obra de arte é a expressão duma generalização, mais ou menos complexa, que essa atividade representa um estágio natural no desenvolvimento da mentalidade, julgando

provada cientificamente a hipótese educadora, aderimos à mesma decididamente.

Achar-se-á breve a explicação disso num livro nosso prestes a ser impresso.

Segundo o nosso conceito, a arte distingue-se da história porque, como a ciência, tem por objeto o geral, embora precariamente.

Podemos considerá-la, pois, quando aplicada à história da civilização, uma pre-sociologia.
